

# ESPAÇO LUSÓFONO: USO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS – EFEITOS DE SENTIDO IGUAIS EM ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS DIFERENTES

**Flavio Biasutti Valadares\***

**Resumo:** O artigo trata de expressões idiomáticas com estruturas linguísticas diferentes e mesma construção de sentido. Apresenta aspectos teórico-conceituais relativos à lusofonia e à lexicologia; objetiva explicitar os processos de uso de expressões idiomáticas e sua relação com o espaço lusófono para o estabelecimento de semelhanças sociolinguísticas e culturais nos diferentes países de língua portuguesa; adota como metodologia a recolha de textos jornalísticos em sítios dos países selecionados – Angola, Brasil, Guiné-Bissau e Portugal – com análise de aspectos sociolinguísticos e culturais no espaço lusófono. Conclui-se que estruturas linguísticas diferentes geram sentidos iguais, caracterizando a intercultura nesse espaço lusófono, o que aproxima verdadeiramente a cultura lusófona, bem como suas relações sociolinguísticas.

**Palavras-chave:** Lusofonia. Lexicologia. Expressões idiomáticas.

## INTRODUÇÃO

Os estudos lusófonos têm se revelado bastante profícuos nos últimos anos, a partir de uma nova noção de como vem se configurando o espaço lusófono. Nesse ponto, consideramos que existem expressões idiomáticas<sup>1</sup> que geram o mesmo efeito de sentido, congregando essa aproximação cultural na produção de sentido, e, mais especificamente, que estruturas linguísticas diferentes podem gerar em cada espaço lusófono uma mesma construção de sentido.

\* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: flaviovaladares2@gmail.com

1 Sobre a origem das expressões idiomáticas, Urbano (2008, p. 42) salienta que uma das questões que costumam ser mais intrigantes é “a da origem determinada e precisa desses recursos, isto é, quem especificamente os criou, em que circunstâncias e motivação etc. Ela costuma despertar muita curiosidade, mas normalmente fica sem solução científica, principalmente as expressões tidas como as mais populares”.

Bastos (2006, p. 9) assevera que a

*Língua Portuguesa é aquela que, usada em todos os sete países – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste –, unifica nações que são dotadas de características várias e enriquecedoras da diversidade cultural do espaço lusófono.*

Neste artigo, objetivamos investigar expressões idiomáticas nos países lusófonos selecionados – Angola, Brasil, Guiné-Bissau e Portugal –, em relação a estruturas linguísticas diferentes que geram sentidos iguais no espaço da cultura de cada um dos países pesquisados. Com esse fim, houve a seleção da expressão idiomática “Levar o barco a bom porto” em Angola e Portugal e de seus respectivos equivalentes no Brasil e em Guiné-Bissau. A partir disso, a análise das diferentes estruturas linguísticas em relação a uma mesma construção de sentidos.

Para ratificar, Duarte (2012, p. 17) explica o processo de estudo que se aplica ao objeto aqui pesquisado:

*Ora, do léxico fazem também parte várias estruturas polilexicais mais ou menos fixas, que o locutor utiliza já prontas, porque as tem armazenadas na sua memória, como lá estão as unidades lexicais monoverbais. O conjunto das unidades pluriverbais é vasto, complexo e movediço, atravessado por diferenças nos critérios de classificação e descrição, e por problemas de fronteiras, que complexificam a abordagem dos fenômenos. Para o estudo dessas unidades, há que ter em conta, entre outras, questões como grau de fixidez das diferentes formas, a sua idiomaticidade, o valor metafórico das expressões.*

## A LUSOFONIA

Lusofonia, em sentido lato, como entende Brito (2003, p. 87),

*[...] é um sistema de comunicação linguístico-cultural no âmbito da língua portuguesa e nas suas variantes, diatópicas e diastráticas, compreendendo os países que a adoptam como língua materna, que é o caso do Brasil e de Portugal; os que a escolheram como língua oficial, que é o caso dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop) e Timor-Leste; e aquelas comunidades que usam o português para a sua comunicação, como são os casos de Goa, na Índia, Macau, na China, entre outras.*

Namburete (2012, p. 294) diz que, etimologicamente, *lusofonia* significa fala dos lusos, fala dos portugueses. Portanto, a língua portuguesa é apresentada como o fator mais importante na caracterização da *lusofonia*. Brito e Martins (2004, p. 11) explicitam que

*[...] a lusofonia e a comunidade lusófona só farão sentido quando de lado a lado se respeitarem (e para respeitar é preciso conhecer) as experiências, os valores particulares, a especificidade cultural, o modo próprio de experienciar a realidade e a visão de mundo que cada comunidade vem fixando na sua norma do português – é essa a perspectiva a adotar para o entendimento da construção de uma possível identidade lusófona.*

Martins (2006, p. 52) explica que o espaço cultural da lusofonia é “um espaço necessariamente fragmentado. E a comunidade e a confraternidade de sentido

e de partilha comuns só podem realizar-se pela assunção dessa pluralidade e dessa diferença e pelo conhecimento aprofundado de uns e de outros”. Para Fiorin (2006, p. 25), a lusofonia é “o espaço dos que falam português”, ou seja, a língua não tem uma função meramente instrumental para comunicação, e mais, “a lusofonia não pode ser pensada simplesmente como um espaço de usuários do português”. Também, que a língua desempenha uma espécie de função simbólica e papel político, tendo a lusofonia necessariamente uma visão como um espaço simbólico e político.

Além disso, como aponta Carreira (2008, p. 170),

*[...] a língua portuguesa, falada por cerca de 200 milhões de falantes em cinco continentes, tem-se moldado ao longo dos séculos num contexto multicultural, tem construído memórias, imaginários, saberes sobre o mundo e sobre si, através de discursos e de textos partilhados.*

E mais: “Tal como a língua e o discurso, também a cultura é viva e diversificada” (CARREIRA, 2008, p. 170).

Namburete (2006, p. 73) justifica que

*[...] o maior conflito reside na própria definição do termo lusofonia, que coloca maior ênfase na língua portuguesa, procurando deste modo criar um paralelismo com a francofonia ou outras fonias. Esta caracterização empobrece um conceito que devia ser mais abrangente, englobando aí as inter-relações histórica, culturais, econômicas, emocionais, mentais, linguísticas, políticas, e outros factores que são comuns aos países e comunidades cujo passado tem marcas portuguesas. Pois, de outra maneira, a lusofonia excluiria logo à partida todos os países africanos que adoptaram o português como a sua língua oficial, pois nestes a língua de Camões ainda é falada com regularidade por uma minoria concentrada majoritariamente nas zonas urbanas.*

O autor também coloca a lusofonia como um termo que “pretende representar a congregação de um grupo de países e comunidades que têm um passado comum e características linguísticas e culturais similares”. Mas ressalta que “a lusofonia ainda constitui um polo de divergência, pois o seu entendimento ainda não é compartilhado por todos aqueles que deveriam nela se sentir representados”. Para ele, lusofonia pode significar

*[...] nós, mas um nós que é apenas consensual sob o ponto de vista político, dos governos e Estados. O nós da lusofonia ainda é controverso entre os académicos e estudiosos, visto que desperta posições muito degladiantes e, muitas vezes, fantasmas do passado (NAMBURETE, 2006, p. 63).*

Assim, como aponta Fiorin (2006, p. 46),

*[...] para que a lusofonia seja um espaço simbólico significativo para seus habitantes, é preciso que seja um espaço em que todas as variantes linguísticas sejam, respeitosamente, tratadas em pé de igualdade. É necessário que não haja a autoridade “paterna” dos padrões lusitanos. Evidentemente, a lusofonia tem origem em Portugal e isso é preciso reconhecer. No entanto, o que se espera na construção do espaço enunciativo lusófono é a comunidade dos iguais, que têm a mesma origem.*

## O LÉXICO

Para Dubois et al. (1993, p. 364), o léxico na linguística designa

*[...] o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc. Por essa razão, léxico entra em diversos sistemas de oposição, de acordo com o modo pelo qual é considerado o conceito.*

Houaiss e Villar (2001, p. 1750) trazem, no verbete *léxico*, que se trata do “4 LING repertório total de palavras existentes numa determinada língua”.

Na visão de Biderman (1996, p. 27), “o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”. A autora afirma que o léxico pode ser entendido como sistema aberto e em constante expansão, que não se cristaliza porque é algo vivo, em constante transformação.

Guerra e Andrade (2012, p. 230) explicitam que

*[...] o léxico situa-se numa intersecção linguística que absorve informações advindas de caminhos diversos, ou seja, da fonética e da fonologia; da semântica; da morfologia; da sintaxe e das situações comunicativas, ou seja, da pragmática.*

Silva (2000, p. 142) acentua que

*[...] o léxico constitui-se do saber vocabular de um grupo sociolinguístico e culturalmente definido; é o conhecimento partilhado que povoa a consciência do falante, onde esse acervo se configura como verdadeira janela através da qual o indivíduo divisa o seu entorno, ao mesmo tempo em que, ademais, revela os valores, as crenças, os costumes, os modismos que viabilizam a comunidade em que vive o usuário de tal e qual palavra.*

Sá (2011, p. 245) salienta que, ao usar o léxico, o falante permite expressar suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence, enfim usa a língua como retrato de seu tempo, atuando inclusive como agente modificador e imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara. Por fim, citamos Biderman (1996), que explica ser o léxico uma maneira de perpetuar a herança cultural de uma sociedade por meio dos signos verbais, sintetizando aspectos da vida, dos valores e das crenças de uma comunidade social.

## AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DO ESPAÇO LUSÓFONO

A expressão idiomática, no *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1289), traz o verbete

*[...] locução ou frase cristalizada numa determinada língua, cujo significado não é dedutível dos significados das palavras que a compõem e que ger. não pode ser entendida ao pé da letra (por ex., bater perna, falar para as paredes, bilhete azul etc.).*

Também, o que indica Xatara (1998, p. 170): “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”.

Além disso, a autora explica que é uma “lexia complexa porque tem o formato de uma unidade locucional ou frasal”; é indecomponível porque “constitui

uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita”; é conotativa porque “sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes”; e é cristalizada porque “sua significação é estável, em razão da frequência de emprego, o que a consagra” (XATARA, 1998, p. 170).

Para Urbano (2008, p. 38), as expressões idiomáticas caracterizam-se

*[...] mesmo como um índice significativo da linguagem popular, embora não lhe seja de propriedade exclusiva, de vez que aparecem com certa frequência no texto escrito, de modo esporádico ou mais planejado e estrutural, com maior ou menor fidelidade às formas originais ou retextualizadas.*

Urbano (2008, p. 40) também opina a respeito:

*Sem dúvida, seu estudo é cativante, pela curiosidade que desperta e pela riqueza e criatividade de suas metáforas e como fonte de enriquecimento da própria língua como um todo. São vinculadas sobretudo ao cotidiano vivenciado pelo povo, espelhando sua índole, sua inocente e perspicaz sabedoria e os aspectos existenciais de sua própria vida.*

Em uma perspectiva cultural, como salientam Xatara e Seco (2014, p. 504), as semelhanças que ocorrem no interior das expressões idiomáticas promovem contatos interlingüísticos entre diferentes culturas e propiciam a troca desses dados culturais entre as diversas sociedades, ou seja, de suas visões de mundo, ideologias e escalas de valores. As autoras também indiciam que “não podemos deixar de mencionar a própria existência intralingüística de sinonímia entre as expressões idiomáticas, tradicionalmente consideradas cristalizadas e, portanto, não vulneráveis à variação”. E complementam que o “fato se explica por uma cristalização ou estabilidade apenas relativa, o que deixa margem a uma variabilidade, ainda que restrita” (XATARA; SECO, 2014, p. 505).

Do ponto de vista lingüístico, é importante salientarmos o valor conotativo. Xatara (1998, p. 171-172) explica que, referente ao seu valor conotativo, as expressões idiomáticas possuem uma escala de abstração e exemplifica, pelo francês, que elas podem ser classificadas como:

*a) fortemente conotativas, quando todos os componentes estão semanticamente ausentes, isto é, quando há grande dificuldade para se recuperar sua motivação metafórica e o sentido literal está bloqueado pela realidade extralingüística (coq du village → rei do terreiro; faire contre mauvaise fortune bon coeur → fazer das tripas coração) – são Els de difícil decodificação;*

*b) fracamente conotativas, quando componentes semanticamente presentes, de valor denotativo, estão associados a componentes semanticamente ausentes, de valor conotativo (manger à sa faim → matar a fome; mettre au propre → passar a limpo; tous les goûts sont dans la nature → há gosto para tudo; travailler pour le roi de Prusse → trabalhar para o bispo).*

A autora também faz, em relação ao francês, uma consideração especial quanto a alguns casos especiais, como as expressões idiomáticas alusivas, análogas, apreciativas, comparativas, deformadas, hiperbólicas, irônicas, negativas, numéricas e situacionais. Neste trabalho, selecionamos para análise um

caso de expressão idiomática alusiva. Esse tipo ocorre, segundo Xatara (1998, p. 172), “quando há necessidade da incursão de conhecimentos enciclopédicos que esclareçam o fato ou a personagem referenciados para se poder decodificar a expressão”.

Na configuração de análise de nosso *corpus* selecionado, consideramos a expressão idiomática “Levar o barco a bom porto” – na classificação de Xatara (1998), uma expressão idiomática de cunho alusivo – dos países lusófonos selecionados, Angola e Portugal, a fim de constatar o processo de construção de efeitos de sentido em expressões idiomáticas utilizadas nos países lusófonos selecionados; além disso, compreender semelhanças e diferenças no uso de expressões idiomáticas desses países, bem como identificar aspectos relativos aos conhecimentos construídos sob a perspectiva linguístico-gramatical, sob um viés intercultural, quanto ao uso no Brasil e em Guiné-Bissau.

A análise do *corpus* está baseada na recolha de exemplos da expressão idiomática “Levar o barco a bom porto”, em textos jornalísticos publicados em sítios de Angola e de Portugal, além de exemplos do sentido construído em outras expressões idiomáticas igualmente ao sentido da expressão idiomática selecionada no Brasil e em Guiné-Bissau. Esse *corpus* configura-se como cientificamente embasado para o cumprimento dos objetivos, visto que a mídia de um país reproduz seu espírito de época – princípio da contextualização (KOERNER, 1996); como também se configura como um veículo para a transmissão de um saber compartilhado, em que algumas atitudes linguísticas são motivos de demarcação de espaço, de identidade cultural e de elaboração do perfil de uma comunidade.

Para a consecução da análise, adotamos a seguinte metodologia: seleção da expressão idiomática “Levar o barco a bom porto” e expressões idiomáticas com mesmo sentido e estrutura linguística diferente, recolhidas em textos de jornais publicados em sítios de cada país<sup>2</sup>. Em seguida, a análise de cada trecho de texto selecionado e das expressões idiomáticas selecionadas, considerando: 1. o contexto no qual a expressão fora utilizada em cada uma das fontes; 2. os aspectos interculturais envolvidos relativos aos conhecimentos construídos sob a perspectiva linguístico-gramatical; e 3. a identificação sob o ponto de vista linguístico, social e cultural de semelhanças de sentido no âmbito da intercultural.

Na sequência, a seleção da expressão idiomática “Levar o barco a bom porto”, com a mesma construção de efeitos de sentido no Brasil e em Guiné-Bissau, em exemplos com diferente estrutura linguística, ou seja, com o uso de outra(s) expressão(ões) idiomática(s):

- Exemplo 1 – Angola

*Governadora exorta a população a levar o barco  
da reconstrução a bom porto*

*Lunda Sul*

*Saurimo – A governadora provincial da Lunda Sul, Cândida Narciso, exortou no princípio da semana, no município de Cacolo, a população a levar de mãos dadas o barco da reconstrução nacional.*

<sup>2</sup> Os trechos selecionados foram reproduzidos especificamente em relação ao objeto de análise, tendo sido colocada a referência de onde foram retirados após cada um deles.

*A governante, que discursava no acto de tomada de posse dos chefes de repartições, recentemente nomeados, apontou os projectos concretizados no país, sobretudo na província da Lunda Sul, desde a conquista da paz, em 2002*

(08.04.2010. 10h58 – Actualizado em 08.04.2010. 12h46. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/sociedade/2010/3/14/Governadora-exorta-populacao-levar-barco-reconstrucao-bom-porto](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/sociedade/2010/3/14/Governadora-exorta-populacao-levar-barco-reconstrucao-bom-porto)>. Acesso em: 6 set. 2014).

- Exemplo 2 – Angola

*Em termos gerais, Domingos Tomás disse estar de acordo com a lista apresentada em conferência de imprensa, apesar de constar jogadores novos como Alexander, Vetokele, António Dominique e Kusunga. “É muito bom voltarmos a ter um técnico nacional que conhece bem a nossa realidade. Estamos solidários com ele. Tenho também a realçar que o seleccionador tem duas pessoas que conhecem bem o futebol angolano e que lhe podem ajudar a levar o barco a bom porto, André Makanga e José Kilamba”, afirmou (“Desequilíbrio no meio campo suscita algumas apreensões”, 22.05.2014. Disponível em: <[http://jornaldosdesportos.sapo.ao/24/0/desequilibrio\\_no\\_meio\\_campo\\_suscita\\_algumas\\_apreensoes](http://jornaldosdesportos.sapo.ao/24/0/desequilibrio_no_meio_campo_suscita_algumas_apreensoes)>. Acesso em: 6 set. 2014).*

- Exemplo 3 – Portugal

*Portugal precisa “fazer todo o possível para que tudo vá no bom sentido, para que o barco chegue a bom porto”, disse no sábado à noite o Presidente da República que assistiu ao fogo-de-artifício das festas de S. João a partir de um barco no rio Douro, acompanhado pelo presidente da câmara, Rui Rio (Disponível em: <<http://www.publico.pt/politica/noticia/cavaco-silva-diz-que-o-pais-precisa-fazer-o-possivel-para-que-o-barco-chegue-a-bom-porto-1551744>>. Acesso em: 6 set 2014).*

- Exemplo 4 – Portugal

*Cavaco Silva espera que “barco chegue a bom porto”*

*Chefe de Estado participa este sábado na festa do São João, no Porto.*

*Na primeira visita como Presidente da República ao S. João, no Porto, Cavaco Silva disse que Portugal precisa de “fazer todo o possível para que o barco chegue a bom porto”.*

*Depois de uma visita ao Museu Nacional da Imprensa, o Presidente da República embarcou para um passeio no Rio Douro, tendo falado aos jornalistas na embarcação onde vai jantar e assistir ao típico fogo-de-artifício de S. João.*

*“Eu espero que o barco aguente e por isso tenho aconselhado a que não corram rapidamente de um lado para o outro, para que não aconteça qualquer acidente. No dia de hoje temos que fazer todo o possível para que tudo vá no bom sentido, para que o barco chegue a bom porto. E é isso também que Portugal precisa”, disse (23.06.2012. 22h24. Disponível em: <[http://rr.sapo.pt/informacao\\_detalle.aspx?fid=25&did=67424](http://rr.sapo.pt/informacao_detalle.aspx?fid=25&did=67424)>. Acesso em: 6 set. 2014).*

Nos exemplos 1, 2, 3 e 4, a expressão idiomática “Levar o barco a bom porto” figura em seu sentido originalmente previsto – “realizar, terminar com êxito” (SILVEIRA, 2010, p. 551). Em Angola, os trechos selecionados trazem um uso em âmbito político e do esporte; além disso, é possível inferirmos que se trata de uma utilização imbricada na cultura, ou seja, é da cultura local essa construção de sentido, ao mesmo tempo que o aspecto intercultural fica patente na utilização do termo. Em Portugal, identificamos usos distintos em relação ao contexto de utilização da expressão, com um cunho político bastante forte e recorrente; o que denota a opção pela força dessa expressão na cultura portuguesa.

Após a exemplificação da expressão idiomática “Levar o barco a bom porto”, apresentamos casos de usos com a expressão idiomática “Levar a bom termo”, que mantém o mesmo sentido no Brasil e em Guiné-Bissau.

Em Guiné-Bissau, o uso da expressão “levar a bom termo” comprova nossa tese de que há usos de mesmo sentido com estruturas linguísticas diferentes, ainda que, nesse caso, a troca da palavra nuclear – barco – por “termo” seja a alteração.

*PRT procede à passagem do seu ex-gabinete e dossiês ao novo primeiro vice-presidente de mesa da ANP*

*Bissau (Rádio Bombolom-FM, 26 de Novembro de 2012) – O Presidente da República de Transição, Manuel Serifó Nhamajo, procedeu segunda-feira à passagem do seu ex-gabinete e dossiês ao novo primeiro vice-presidente de mesa do parlamento guineense.*

[...]

*O novo vice-presidente do palácio Colinas de Boé, o ex-secretário-geral do PAIGC, Augusto Olivais, disse que o que resta agora é credibilizar o país junto a comunidade internacional.*

*“No sentido de trabalhar para levar a bom termo este período de transição. Que seja um período de acalmia, de sossego para o bem-estar do nosso povo. Porque, nesta casa em que estamos a representar o povo guineense. Fomos eleitos para isso, somos os porta-vozes. Portanto, o trabalho que temos para fazer é credibilizar a Guiné Bissau aos olhos do mundo, e esperamos que, com este gesto, com esta boa vontade do nosso lado, vamos mostrar ao mundo de que, no barco dos guineenses há a boa vontade de dialogarmos e encontrarmos o caminho para o bem-estar de todos”, advogou ele (Disponível em: <http://www.gbissau.com/?p=3323>. Acesso em: 16 set. 2014).*

Ressaltamos que a expressão “Levar o barco a bom porto” também é usada em Guiné-Bissau, o que não ocorre no Brasil, onde a expressão utilizada com o mesmo sentido é “Levar a bom termo”:

*Novo navio oceanográfico da USP é inaugurado no Porto de Santos*

*O presidente da Fapesp, Celso Lafer, destacou que, desde a apresentação do projeto pelo IO, em março de 2010, até aquele momento, em que se inaugurava o navio, foi um “processo longo e trabalhoso”. A aquisição nos Estados Unidos, a reforma e a transferência do navio para o Brasil duraram quinze meses, até o dia 29 de março deste ano, quando o Alpha Crucis iniciou a viagem de 43 dias até o Porto de Santos. “O navio tem, como todos sabem, o nome Alpha Crucis, que é a estrela mais brilhante na constelação do Cruzeiro do Sul. Tenho certeza*

*de que os trabalhos que serão encaminhados a bom termo pelo Instituto e por outros pesquisadores do Estado de São Paulo levarão ao campo do conhecimento o brilho dessa estrela”, disse Lafer (Disponível em: <http://www.usp.br/impressao/?p=21375>. Acesso em: 16 set. 2014).*

## CONCLUSÃO

Neste artigo, pudemos desvelar como o funcionamento linguístico no espaço lusófono pode nos conduzir a uma aproximação cultural entre países de língua portuguesa além da linguística, como foi o caso de Angola, Brasil, Guiné-Bissau e Portugal, ao demonstrarmos que estruturas linguísticas diferentes geraram construção de sentido igual nos usos em textos jornalísticos retirados de sítios destes países.

Cumprimos nosso objetivo ao termos pensado a intercultura no espaço lusófono e termos escolhido algo tão específico de cada cultura, como é a expressão idiomática. Isso nos conduziu a um levantamento que propiciou a comprovação de que a possibilidade de um intercâmbio bem mais avançado que o de uma mesma língua oficial existe e está posta nos países pesquisados.

Silveira (2006, p. 120) resume, de certa maneira, o que expusemos neste artigo:

*As categorias são semânticas e a cultura é uma delas no nível discursivo, ao passo que as flexões são categorias gramaticais, no nível linguístico do sistema. A cultura é uma categoria que agrupa relações, no eixo semântico, entre conhecimentos intergrupais/extragrupais, a partir da relação entre discursos institucionalizados/eventos discursivos particulares. Logo, a descrição do uso trata tanto de classes e categorias gramaticais quanto de categorias cognitivas e mentais, na medida em que os elementos linguísticos passam a ter outras funções, a partir dos implícitos culturais, das intenções do enunciador, do tipo textual e do gênero discursivo.*

Assim, chegamos ao final deste artigo com a convicção de termos contribuído um pouco mais para a base dos estudos lusófonos no sentido de ter proposto e comprovado que as possibilidades interculturais verificadas se estendem aos países lusófonos, configurando uma aproximação que ultrapassa o linguístico.

## LUSOPHONE SPACE: USE OF IDIOMATIC EXPRESSIONS – THE SAME EFFECTS OF MEANING IN DIFFERENT LINGUISTIC STRUCTURES

**Abstract:** The article discusses about idiomatic expressions with different linguistic structures and same meaning construction. It presents theoretical and conceptual aspects of the Lusophony and lexicology. It aims to explain the processes of the use of idiomatic expressions and their relations with the Portuguese-speaking world for the establishment of sociolinguistic and cultural similarities in the different countries of Portuguese language. As a methodological procedure, this article collects news stories on websites of selected countries – Angola, Brazil, Guinea-Bissau and Portugal – with analysis of sociolinguistic and cultural aspects in the Portuguese-speaking world. The conclusion is that different language structures generate the same sense, characterizing

the interculturality in this Portuguese-speaking world, what truly approximates the cultures of the countries that speak Portuguese, and also their sociolinguistic relations.

**Keywords:** Lusophony. Lexicology. Idiomatic expressions.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, N. B. Apresentação. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: Educ, 2006.
- BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, São José do Rio Preto, v. 40, p. 27-46, 1996.
- BRITO, R. H. P. de. Reflexões sobre o português em Timor-Leste. *Revista Mackenzie de Educação, Arte e História da Cultura*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 87-95, 2003.
- BRITO, R. H. P. de; MARTINS, M. de L. Moçambique e Timor-Leste: onde também se fala o português. In: CONGRESSO IBÉRICO DE CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO/CONGRESSO PORTUGUÊS DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (SOPCOM), 2., 3., 2004, Covilhã. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/1005>>. Acesso em: 27 abr. 2016.
- CARREIRA, M. H. A. A língua portuguesa em contexto: saberes linguísticos, discursivo-textuais e culturais. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa: lusofonia – memória e diversidade cultural*. São Paulo: Educ, 2008.
- DUARTE, I. M. Passado e presente: a produtividade de provérbios e outras expressões fraseológicas no português europeu. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa: aspectos linguísticos, culturais e identitários*. São Paulo: Educ, 2012.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- FIORIN, J. L. A lusofonia como espaço linguístico. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: Educ, 2006.
- GUERRA, M. M.; ANDRADE, K. de S. O léxico sob perspectiva: contribuições da lexicologia para o ensino de línguas. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 226-241, 2012.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KOERNER, K. Questões que persistem em historiografia da linguística. Tradução Cristina Altman. *Revista da Anpoll*, n. 2, p. 45-70, 1996.
- MARTINS, M. de L. Lusofonia e luso-tropicalismo – equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: Educ, 2006.
- NAMBURETE, E. Língua e lusofonia: a identidade dos que não falam português. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: Educ, 2006.
- NAMBURETE, E. A lusofonia no espaço moçambicano. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa: aspectos linguísticos, culturais e identitários*. São Paulo: Educ, 2012.

- SÁ, E. J. de. O léxico na região Nordeste: questões diatópicas. *ReVEL*, v. 9, n. 17, p. 244-261, 2011.
- SILVA, M. E. B. da. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, J. C. de (Org.). *A língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVEIRA, J. G. da. *Dicionário de expressões populares da língua portuguesa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- SILVEIRA, R. C. P. da. Descrição da língua portuguesa – língua e cultura: questões teóricas e metodológicas. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: Educ, 2006.
- URBANO, H. Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares. *Investigações*, v. 21, n. 2, p. 31-56, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/about>>. Acesso em: 27 abr. 2016.
- XATARA, C. M. Tipologia das expressões idiomáticas. *Alfa*, São Paulo, v. 42, p. 169-176, 1998.
- XATARA, C. M.; SECO, M. Culturemas em contraste: idiomatismos do português brasileiro e europeu. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 502-519, jan./jun. 2014.

Recebido em novembro de 2015.

Aprovado em dezembro de 2015.